



FRANÇA — A CARTUXA DE DIJON.

A CELEBRE cartuxa de Dijon foi fundada em 1383, pelo duque de Borgonha, Philippe, o Atrevido, primeiro duque da terceira dynastia, e segundo do nome. O sitio escolhido para esta fundação, que fica a um kilometro da cidade, chamava-se *Campo-molle*. Philippe, o Atrevido, quiz tornar o mosteiro um estabelecimento modelo, e para esse fim destinou sommas enormes; recolheram-se ali vinte e quatro religiosos. A nada se poupou o duque para dar ao edificio uma vastidão e caracter dignos da capital dos seus estados. A igreja sobre tudo foi o objecto da sua munificencia, e o que ainda se conserva d'ella prova a riqueza das suas decorações. Designou-a Philippe para seu jazigo e dos seus descendentes. Com effeito ali foi o seu cadaver depositado, bem como os dos principes que lhe succederam. Todavia o seu mausoleu e o de seu filho João, Sem medo, foram os unicos erigidos aos principes d'esta raga. Aquelles dous mausoleus, feitos de alabastro, vandalicamente profanados por occasião da revolução, foram depois restaurados com muito esmero, e transferidos para o museu de Dijon, onde têm sido objecto da admiração de antiquarios e artistas, porque na verdade são dous soberbos specimens da arte de esculptura do 15.º seculo.

VOL. III. — 3.ª SÉRIE.

A cartuxa de Dijon está hoje convertida em um hospicio de alienados. A sua magnifica igreja quasi que desapareceu completamente; resta apenas uma torrinha isolada, de 20 metros de altura, pouco mais ou menos, e o portal onde se observa um grande numero de figuras esculpidas por Claux Sluter, holandez de origem. Entre aquellas figuras tornam-se notaveis, mórmente pelos personagens que representam, as do principe fundador e da duqueza sua esposa, Margarida de Flandres, postos de joelhos aos pés de Nossa Senhora.

O pateo do claustro está agora transformado em pomar: no centro porém conserva-se ainda um monumento, conhecido pelo nome de *poço de Moysés*: é tambem obra de Claux Sluter, e os entendidos na materia fazem d'elle tão grande aprego, que bem mostram quanto val o trabalho do eminente esculptor da renascença.

O terreno sobre o qual estava assente a igreja é hoje um formoso vergel. Lá existe contudo uma excavação, que designa o lugar em que outrora estiveram os tumulos de Philippe, o Atrevido, e João, Sem medo.

O architecto da cartuxa de Dijon foi Drouet de Dampmartin.

MARÇO 18. 1854.

OS IMPÉRIOS BYZANTINO E OTTOMANO.

III.

Cérco e tomada de Constantinopla.

Ao SULTÃO Amurat II succedeu seu filho Mahomet II [Muhamed Kan], ao qual seus vassallos deram o epitheto de *el Pathy*, o Conquistador. Guerreiro e ambicioso de gloria como seus antecessores, apenas subiu ao throno resolveu empregar todos os esforços possiveis para fazer de Constantinopla a sede de seus vastos estados.

Depois de muitos mezes consumidos nos preparativos para esta empreza, apresentou-se Mahomet ás portas de Constantinopla, capitaneando um numeroso exercito. Mandou logo levantar 14 baterias em que fez collocar muitos canhões de grosso calibre, entre os quaes avultava uma colubrina de extraordinarias dimensões, fundida expressamente em Adrianople para este assedio. Gastou dous mezes a percorrer o espaço de 36 leguas, sendo puchada por 50 juntas de bois, auxiliados por 400 homens. Eram necessarias duas horas para a carregar; não podia por conseguinte dar mais de oito tiros por dia. Logo no primeiro dia matou com a explosão o hungaro, que a tinha fundido, e não tardou Mahomet a reconhecer que o auxilio que esta peça lhe dava era muito menos efficaç do que esperára.

Em quanto o exercito musulmano se dispunha para o assalto, o imperador Constantino fazia os maiores esforços para lhe oppor a mais tenaz resistencia. Infelizmente porém escaceavam-lhe os meios, faltavam-lhe soldados, e peor do que tudo isto, a discordia entre as igrejas latina e grega, lavrando nas fileiras do exercito christão, vinha ainda annullar os poucos recursos que a cidade tinha para sua defeza.

No dia 13 de abril appareceu uma esquadra ottomana á entrada do Bosphoro. Compunha-se de mais de 400 embarcações de diversas grandezas. Para resistir a tão grande poder não havia mais do que cinco naus, e d'estas apenas uma era grega, nas outras fluctuava o pavilhão da republica de Genova. Porém tal é a disposição do porto de Constantinopla, que esses cinco navios, collocados na estreita garganta por onde o Bosphoro derrama no mar de Marmara as aguas do Euxino, bastaram não só para embargar o passo á poderosa armada de Mahomet, mas tambem para lhe destroçar uma divisão, que lhe offereceu combate.

Este successo reanimou o valor amortecido dos gregos. Julgando se seguros da parte do mar que banha as duas faces do triangulo, que a cidade apresenta na sua configuração, corriam cheios de ardor e confiança a guarnecer as muralhas, que a defendiam do lado da terra. Imagine-se pois qual seria o seu assombro e terror, quando um dia ao alvorecer descolriram mais de 70 embarcações turcas fundeadas no porto, e junto aos muros da cidade! E o desalento cresceu ainda quando constou o modo por que ali viera ter a esquadra ottomana, quando souberam que era o resultado do projecto audacioso, que Mahomet concebêra, de transportar por terra em uma noite e pelo espaço de duas leguas uma parte da sua frota, fazendo-a escorregar sobre pranchas de madeira untadas de gordura. Tão arrojadada idéa e tão habil execução desconcertou os defensores da cidade, menos o imperador, que respondeu á proposta que lhe dirigiu o sultão para a entrega da cidade, dizendo que defenderia até ao derradeiro suspiro o imperio, que Deus confiara á sua guarda!

Assim que esta resposta chegou ao conhecimento

de Mahomet tomou as ultimas disposições para o assalto geral por mar e por terra; e para excitar o ardor de seus soldados prometteu grandes recompensas aos primeiros que escalassem os baluartes, e a todo o exercito o saque da cidade, não querendo d'esta mais do que o terreno e os edificios.

O alvorço que esta promessa causou nas phalanges musulmanas foi tão grande que n'essa noite (28 de maio de 1453) resplandeceram com variadas illuminações as duas margens do Bosphoro, e atrozaram os ares mil cantigas festivas acompanhadas de dansas e outros folguedos com que os turcos pareciam festejar antecipadamente a tomada da cidade. E os echos do Bosphoro tráziam a Constantinopla, d'envolta com a grita entusiastica do exercito ottomano, um sinistro presentimento, que apertava todos os corações, que fazia desfallecer todos os braços, e que impellia para dentro dos templos a implorar a protecção da Virgem homens e mulheres, velhos e crianças!

Entretanto o imperador percorria as fortificações e todos os postos militares, exhortava os soldados, ordenava novas obras de defeza, e organisava uma legião estrangeira composta de allemães, italianos, francezes e hespanhoes, collocando á sua frente o intrepido Giustiniani, aquelle mesmo valente genovez, que destroçara a esquadra ottomana.

Ao despontar da aurora do dia seguinte [29 de maio] rompeu de todas as baterias turcas vivissimo fogo contra a cidade. E immediatamente o exercito musulmano se precipitou com tremendo impulso sobre as portas e baluartes.

Durante duas horas esteve indecisa a victoria. De uma e outra parte combatia-se freneticamente. Ao furor dos sitiantes respondiam os sitiados com o valor e coragem da desesperação. Mas em quanto nas muralhas se jogava a sorte do imperio, no interior da cidade era tudo desordem e confusão. Os partidos religiosos, lançando em rosto um ao outro os males publicos, accusando-se reciprocamente do perigo, que ameaçava a patria, travavam combate nas ruas e praças.

Não tardou a communicar-se ao exercito o effeito moral de semelhante lucta. Continuas rixas, ora motivadas pelo seisma, ora excitadas por um mesquinho sentimento de ciúme da legião estrangeira, vinham a cada passo pôr em ultimo perigo os pontos mais importantes da linha de defeza.

Todavia, apesar d'essas scenas de discordia, que paralisavam tanto a defeza da cidade; apesar da immensa desproporção de forças entre sitiantes e sitiados, subindo aquelles a mais de 150 mil homens, em quanto que estes apenas contavam uns nove a dez mil, Mahomet esteve quasi a desesperar da victoria. Começava já a manifestar-se o desalento nas fileiras musulmanas, quando uns cincoenta soldados turcos, reparando que estava aberta uma das portas da cidade, chamada a Cercoporta, entram repentinamente para dentro das muralhas. Por descuido bem singular ficára aberta na vespera do assalto. Os soldados pois que defendiam este lanço do muro, tomados de sobresalto e atterrados á vista de semelhante apparição, fogem desordenadamente, e levam o terror por toda a parte.

Debalde tenta o imperador Constantino oppor um dique á torrente invasora. O grosso do exercito inimigo arremegára-se com tal impeto sobre a Cercoporta, que não houve mais resistencia possivel. Constantino vendo tudo perdido arroja-se ao meio das phalanges turcas, combate desesperadamente até conseguir morte de heroe, e d'est'arte alcança um fim glorioso para si e para o imperio do oriente.

Em um momento toda a cidade foi invadida, e logo entregue ao roubo, ao incendio, á carnificina e a toda a casta de profanações. O povo abandonára as casas para se refugiar nos templos a implorar a misericordia divina, ainda esperançado na realisação de uma prophesia popular, que dizia que n'um caso extremo viria um anjolibertar a cidade do poder dos infieis. Mas em breve a vingança e cubiga dos vencedores lá iam mesmo junto aos altares fartar-se de sangue e de ouro.

A cabeça do imperador Constantino separada do corpo, que fôra reconhecido entre os mortos pelos seus borzeguins de purpura bordados de aguias de ouro, foi exposta por alguns dias sobre a columna de Justiniano, e depois levada como trophéu a todas as cidades da Asia.

Assim acabou pois o imperio do oriente 1125 annos depois da fundação de Constantinopla. Á maravilhosa situação geographica da sua capital deven sem questão na prosperidade a rapidez e extensão do seu engrandecimento, e na decadencia a prolongação da sua existencia, já quando lhe faltavam todos os elementos de força, e todas as condições de independencia necessarias á vida das nações.

(Continúa.)

I. DE VILHENA BARBOSA.

ESCRITORES PORTUGUEZES CONTEMPORANEOS.

POETAS LYRICOS DA GERAÇÃO NOVA.

MENDES LEAL.

Nos versos do padre Macedo (José Agostinho), sobre tudo nos poemas descriptivos, acham-se lances de grande merecimento; admiram-se as idéas e o estylo muitas vezes; porém favorecia-o pouco a musa; e a inveja e o orgulho, mettendo-o em empresas atrevidas, acabaram de o desvairar a ponto de não temer a lucta formal com o genio de Camões! A sua prosa, em geral correctá, e por occasiões elegante, aspira a uma erudição mais apparatusa, do que real. Critico roaz e ciumento denegriu muito, e ensinou pouco. Não passando, e ignorando-se as suas obras; e a posteridade, que tanto pedia e proclamava, todos os dias foge d'elle. Entretanto das suas obras algumas merecem viver, e hão de sobrenadar do esquecimento.

Tal era o estado decadente da poesia, e n'este crepusculo se apagava, quando principiou a revolução litteraria, e á testa d'ella o visconde de Almeida Garrett, entusiasta nos primeiros passos da escola do Gargão e de Philinto; um pouco severo com a harmonia bocagiana, e o gosto pastoril de Gesner. *D. Branca*, publicada em 1826, deu o rebate entre nós do movimento geral; e a debil resistencia tentada pelos ultimos conservadores do Parnaso orthodoxo succumbiu depressa, tornando mais estrondoso o triumpho.

Não é n'este artigo, que nos cabe apreciar com detido exame os dous chefes da escola nacional em Portugal, Garrett e Herculano. Pertence ao primeiro a gloria da iniciativa poetica; ao segundo a prioridade na introdução do romance e da philosophia historica. Outro poeta distincto e melodioso, o sr. Castilho, representa a transição elegante e primoroso da arte classica para a musa christã.

O auctor de *D. Branca*, vulgarizador popular, com o exemplo, percorreu os dominios da poesia, e

assentou os padrões da forma moderna. O auctor de *Eurico* e do *Monge de Cister*, interpretando a vida social com a paciencia e a critica do erudito e a phantasia do poeta, restituiu na manifestação ideal da scenaromance a physionomia das epochas, e ao mesmo passo no livro de sciencia ergueu o sudario ao passado, fazendo palpitar o coração dos reis e das gerações da meia idade. As qualidades de um completam-se portanto pelas do outro. Na *Perda de Arzilla*, por exemplo, ou na *Harpa do Crente*, Herculano funde a imagem no verso incisivo; illumina a estrophe de uma luz ardente, e quasi sempre a fecha pela formula, cujo sentido abraça o mysterio da existencia em qualquer dos estados da alma, ou a synthese social em um dado aspecto historico.

Hymno guerreiro ou meditação religiosa que entoe, o verso retine, a phrase é austera, e a aspiração elevada. A rima opulenta, os variados metros, e a harmonia viril e quasi aspera, são vestes apenas do pensamento; cobrem-n'o, mas não o prendem. Filho da musa idealista do norte, pela profundidade da analyse, Herculano descende mais de Schiller e Byron, de Burger e Shakespeare, do que dos poetas mais risonhos quasi sempre do meio-dia. N'elle a tendencia philosophica predomina. No seio de cada forma que molda, está sempre a idéa; e enhando-a o verso em imagens biblicas cheias de magestade; e a prosa fundindo-a em phrase epica, como no *Eurico*, accusam na contextura nervosa a mão do gigante!

Escriptor eminentemente nacional, e critico felicissimo em descobrir o verdadeiro sentido das saudades e tradições do povo, Garrett é grande pintor pela attica simplicidade dos quadros, e pela transparencia da cor. Demarcando os limites da independencia litteraria, evitando com igual certeza, a licença e a servidão, admira o passado, crê no futuro, e não exclue nem toma, como absoluta, para exprimir o bello, nenhuma das formas da arte, quer proceda do gosto classico, quer venha da infancia romantica. Depois de triumphar com a revolução, dá o exemplo da sobriedade na opulencia, mantendo pura a restauração da poesia e do theatro. Nas suas lyricas acham-se em agradável convivencia todas as escolas desde a imitação classica até á canção erotica e á satyra politica.

As ficções risonhas da *Grecia amavel*, a crença linda de *Venus rainha dos amores*, abjurada em "*D. Branca*" pelo vate catholico com certa ostentação, acharam-no depois menos austero, do que elle disse, e receberam mais de uma offerenda nas suas aras. A *Sêsta*, aonde se revêem as graças nús e melindrosas de Catullo, nada tem que invejar a uma pintura da antiguidade. É preciso lê-la para ver aonde chega o sorriso d'esta imaginação flexivel, e a finura de um estylo tão habil em dizer tudo sem offender a castidade. Na cantiga popular, quem, senão o collector do *Cancioneiro Portuguez*, o inspirado traductor do Bernal Francez e da Silvaninha (Adozinda) soube o segredo de a repassar de sentimento, requebrando-a em uma formosura meiga; e com os enfeites e galas mais singelas, fazendo-a vistosa e galante, que ás vezes leva o passo adiante das sublimes?

As *Pegas de Cintra* offerecem um dos modelos do genero. É forma só, bem sei; mas que delicadeza, que sabor fino em contar, que infinita arte na propria simplicidade! O auctor da admiravel elegia do Camões, e da novella poetica de *D. Branca*, n'estas creações fugitivas tem o direito de ser cultor da forma. De mais, quem fez nunca sem ella obra digna de viver na estimação dos seculos?

D'este resumo de certo longo, mas não inutil, como vista geral das transições porque chegamos á renascença da poesia nacional, resulta que se imitou e trasladou quasi tudo havendo engenhos capazes de crear, se entrassem em nova e rasgada estrada.

Mendes Leal achou a revolução feita, e os dous chefes ainda encostados ás armas que lhes tinham dado a victoria. Estava-se no calor do enthusiasmo, os idolos proscriptos arrastavam consigo na queda os melhores paineis dos seus templos; e a plebe dos imitadores em odio a Apollo ameaçava queimar os primores da lingua e da poesia, quasi não perdoando a Philinto nem a Bocage! Nos modelos romanos era crime fallar! Estavam no indice. A ignorancia e o horror do estudo, compondo o seu codigo penal, parodia das ordenações classicas, não se esqueceram de os condemnar. A muito custo traduziam-se nas aulas entre as fustigações da ferula; mas curso de latinidade, amor e comprehensão das suas bellezas era difficiloso achar. Se alguém a conhecia, calava-se. Os aguazis da originalidade copiada de París eram vigilantes, e não parecia facil escapar-lhes com um volume de Horacio ou de Tibullo escondido no bolso.

Mendes Leal, mesmo lançando-se nos braços da revolução, conservou a familiaridade antiga com os amigos da adolescencia. Deixando clamar os arruadores continuou a tratá-los com respeito, como velhos e sabios conselheiros. Sómente não via em Horacio o inexoravel pedagogo inventado pelos bonzos classicos. Parecia-lhe quasi calumnia converter em legislação a epistola aos Pisões, escripta de um amigo para outros, picante de sabor grego a cada linha, e discorrendo com a elegancia negligente que está provando, que o critico conversava agradavelmente sem lhe passar pela idéa, que um dia fariam da sua carta a prizão perpetua dos poetas. A leitura dos escriptores naturaes, cujas obras hão de viver em quanto viver a lingua, não a desprezou tambem Mendes Leal, apesar das zombarias e momices dos arrematantes de versões a vapor. Rindo-se d'elles, e da sua mascavada prosodia, consultou sempre, como d'antes, as grandes e nobres paginas de Fr. Luiz de Sousa, do padre Vieira, de Rodrigues Lobo, e de tantos insignes prosadores; colheu no verso de Camões, de Bernardes, de Philinto, de Bocage e dos mais harmoniosos cantores as delicadezas do engenho, e os segredos felizes do estylo. Por isso, logo dos primeiros ensaios, é facil notar certa opulencia, certa lima e certa facilidade de phrase, que tirando os dous chefes e poucos mais, raramente se descobrem nos caudatarios da reforma.

Conhecendo-os entretanto, e tendo com alguns dos mestres antigos convivencia assidua, igual á intimidade do espirituoso Janin com o epicurista Horacio, o joven poeta, se algum tempo deixou pender certa inclinação á prosa torcida e enviousada que se quiz oppor como resurreição da pureza ver, nacula as desflorações dos gallicistas, salvou-se a tempo dos estragos d'esta deploravel aberração, que ligava a idéa viva a periodos mortos, e fazia consistir a correção no diluir em locuções apagadas de cunhos os pensamentos e a originalidade moderna. É justo igualmente confessar, que acceitando de Garrett e de Herculano o progresso da idéa e da forma, manteve a independencia, e dentro em pouco soube caracterizar-se por uma physionomia distincta. A sensibilidade e o sentimento inclinam-no para o auctor de *Camões* e *Adozinda* em algumas composições; mas em outras o rapto lyrico, o traço epico, a imagem scintillante e a phrase incisiva aproximam-no de Herculano com mais harmonia de verso.

A experiencia e a madureza ensinaram-lhe a arte difficil de apropriar com originalidade os thesouros das linguas mortas e das litteraturas modernas. Na admiração do bello, na contemplação da vida e da natureza, e no enthusiasmo pelas glorias do seu berço, achou os suspiros, os hymnos, e a ode fulgurante, que ás margens do Tejo levantou um carne digno da harpa de Manzoni. O *Cinque Maggio*, uma das paginas admiraveis d'este seculo, não envergonha o Ave Cesar! a nenia da magestade decaída e do infortunio heroico. Cada um dos lyricos eleva-se á altura do assumpto, e deu o sentido profundo que elle encerra. Diante d'aquellas duas urnas, os gemidos da musa sobem para Deus com a religiosa aspiração que o sublime antigo desconhece, e de que só há algum reflexo na tristeza pensativa de Virgilio e de outro dos cantores latinos. Napoleão, o Alexandre moderno, que dous seculos saudam; Carlos Alberto, o rei cavalleiro que a fortuna torna heroe pelo martyrio; novos Prometheus da idéa, prezos ao rochedo do exilio; lacerados do abutre da saudade, ambos com a dor de tanto projecto destruido sobre o coração; eram vultos que a lyra sacerdotal e aristocratica de Pindaro teria celebrado; mas vultos que a arte fria e a inspiração curta não profana sem castigo. Para se medir com o Titão é preciso ser de estatura adequada.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.



ILHA FERNANDO PÓ — COCOROCO.

DEMOS no numero antecedente uma breve noticia da ilha de Fernando Pó e seus singelos habitantes:

hoje pouco temos a accrescentar ao que ali se es-creveu.

O *cocoroco* é o que nas nossas possessões de Africa occidental se chama *soba*, isto é, regulo ou chefe de um certo numero de familias.

As familias mais notaveis da raça *bubí*, que é a que domina na ilha de Fernando Pó, são as que se distinguem pelas denominações de — *patahuila*, *lé-bola*, *basipú*, *basilé* e *banapa*.

Estes insulares, como todos os povos para assim dizer primitivos, dão-se muito á caça e á pesca, d'on-de tiram quasi que os unicos meios de subsistencia.

Não são muito afeiçoados aos trabalhos de lavoura; todavia cultivam algum inhame, café, tabaco e outras plantas indigenas. Como os seus vizinhos do continente gostam de folgar e de adornar-se a seu modo: pintam o rosto, polvilham a carapinha de vermelhão, e usam furar o nariz e as orelhas. Invejosos das nossas barbas e bigodes, que a natureza avara lhes não concedeu, costumam trazel-os postiços, com o que se persuadem inspirar respeito, e imitar a dignidade europêa. Pobre gente!

INSOMNIA.

ALTAS horas da noute, e quando a aldêa
Em paz repousa, envolto no mysterio,
De lugubres visões a mente cheia
Em demanda me vou do cemiterio.

Ninguem que me pertença aqui repousa;
N'este chão, onde dorme tanta gente,
Não ha nem uma só rasteira lousa
Onde o meu coração diga o que sente!

Mendigo de afeições venho p'rigrino
As campas consultar. Mudas embora
Venho aqui recompor o meu destino,
E n'esta solidão minh'alma chora.

Ao orvalho que fresco se pendura
Dos braços d'esta cruz, e cristalino
Com meus prantos ferventes se mistura
Contarei minha dôr — direi meu hymno.

Como a rollinha triste que se acouta
Fugindo ao caçador entre os salgueiros,
Minh'alma foge ao mundo, e vem affouta
Cantar aqui seus cantos derradeiros.

E como veia d'agua serpeando
Pela verde campina o rio engrossa,
As lagrimas que eu fôr aqui chorando
Augmentarão, oh cruz! a gloria vossa.

Eu venho de tão longe e tão cansado
Como ainda ninguem voltou do mundo,
Foi penoso o caminho... eis-me chegado
Aonde termo encontra um mal profundo

Busquemos d'estas campas a mais pobre:
Qual d'ellas o será? Talvez aquella...
Um singelo chorão resguarda e cobre
De brancas rosas virginal capella?

Convulso afastado do chorão as ramas,
E as rosas todas com meus pés esmago:
Depois no peito que me ardia em chammas
Melhor idéa com amor afago.

Talvez que as rosas innocentes, puras,
Tecidas fossem pelas mãos amantes
D'alguem que n'ellas virginaes doçuras
D'eras passadas memorou constantes.

O fogo ao rosto me subiu de pejo,
Apanho as rosas com febril loucura,
Ao peito as uno, com fervor as beijo
Para as deixar depois na sepultura!

« Profano e torpe! Nem as pobres flores
« Aqui te escapam das abjectas iras,
« Trazes do mundo pueris rancores
« E aqui, nas campas, infeliz deliras.

« Deixa na pedra do sepulchro as rosas
« Já desmaiadas de perfume e côr,
« Que foram postas pelas mãos piedosas
« D'alguem que amava com fervente amor! »

Subito aos olhos me assomára o pranto,
Envergonhado me sentira então,
Ao Deus supremo murmurando um canto
Do intimo d'alma lhe implorei perdão!

L. A. PALMEIRIM.

APONTAMENTOS DE UMA VIAGEM Á ITALIA.

II.

Ao nono dia de viagem achavamo-nos nas aguas de Genova, aonde chegamos mais cedo se fôra mais curta a arribada a Gibraltar, que pudemos observar por mais de vinte e quatro horas, e se alguns outros motivos nos não fizessem demorar, como por ex. a cerração que nos escondeu o rumo á entrada do estreito.

Demandamos o porto de Genova na manhã do dia 10 de outubro de 1850. Entramos o porto, por sem duvida acanhado para os numerosos navios que ali estão sobre ferro, e em uma certa ordem, para economisar a ancoragem. O porto (que é o de maior importancia commercial entre os da Italia) é pequeno e aberto, ficando assim exposto aos impetos da tempestade, como aliás não acontece em Marselha, cujo porto é fechado.

Demorado algum tempo a bordo, porque como inexperiente de viagens em paizes estrangeiros, não tinha feito visar o meu passaporte pelo ministro sardo em Lisboa, tive de me deter até que a policia ficasse certa da minha boa fé attestada pelo bom cavalheiro Sivori, nosso consul, especie de empregados, cuja importancia melhor é avaliada pelos viajantes.

Depois de ter desembarcado do vapor, mas conservando grata recordação das attentões que nos foram dispensadas pelo seu digno commandante (o sr. Pedro Ollegario Alves), distincta officialidade, e demais praças, tendo saltado em terra, e recebido as obsequiosas delicadezas do digno parcho Vial, e dos srs. marquezes de Paulluicini, propuz-me á viagem para Turim, que effectuei montando os *Appeninos* no *Jughi*, que depois se passariam subterraneamente, quando concluido o caminho de ferro de Genova a Turim (que já está acabado) e na minha viagem o aproveitei só desde Novvi a Turim, havendo ainda um pequeno intervallo em que se dividia o comboyo, e eram os *wagons* tirados por cavallos.

O caminho de ferro era, e não sei que agora deixe de o ser, do governo, sendo elle quem sustentava todo o movimento do serviço. Gostamos de ver como se mantinham as regras para a bem succedida celeridade, que não a observamos mais policiada nos outros caminhos de ferro da Italia, França e Hespanha. Offerecemos este argumento áquelles economistas e estadistas que só acreditam no bom exito das obras, quando entregues a particulares, ou a companhias formadas por elles.

Chegando a Turim esforcei-me por encontrar um bom irmão, que havia annos se achava ausente do nosso Portugal. Vimo-nos durante a minha estada n'esta capital, porém guardo para mim as expansões de familia, embora aproveite de novo a occasião para dizer: que D. Manuel de Almeida confessou a religião, não envergonhou a patria, e deixou mui gratas recordações á sua familia, que lhe diz com resignação e fé: *Requiescat in pace.*

Muito a proposito se offerece agora a noticia de Turim, que daremos mais tarde, embora receiando que o bom empenho faça naufragio, mais de assustar ainda, quando tentarmos fallar de Roma, Napoles e Florença; tencionando nós o dar uma idéa d'estas tres e d'aquella capital em differentes artigos, começando a fallar de Roma depois de passado este artigo, que vamos continuar com uma breve e interessante observação a respeito d'aquella grande parte da Italia, por onde passamos, se bem que a correr, e sem que tenhamos pretensões a que se diga no começo d'esta parte do nosso trabalho, e no começo de todo elle, o que o padre Vieira dizia a D. Rodrigo de Menezes, fallando-lhe de certo negocio: *A obra ha de ser larga, e já o começa a ser, e ainda não é obra.*

Apontando nós os pontos cardeaes com que marcamos a nossa viagem na Italia, ver-se-ha a extensão d'ella, que corremos desde outubro de 1850 a janeiro de 1851.

Fomos, como é já dito, de Genova a Turim, de Turim voltamos a Genova, e seguimos viagem para Liorne, Civitavecchia e Roma, de Roma saímos na diligencia para Napoles, d'onde emprendemos e realisamos viagem para Liorne, Pisa e Florença, voltando pelo mesmo caminho para Liorne, onde embarcamos com grande risco e perigo, para seguir viagem para Genova; porém só fizemos embarcados uma parte d'ella, porque o mau tempo nos obrigou a arribar ao excellente porto da Spezzia, o qual nos facilitou o desembarque, que foi aproveitado por a maior parte dos passageiros, que fizemos o resto da viagem para Genova por terra.

A Spezzia, onde embarca o tão conhecido marmore de Carrara, é um bello e lindo porto, e com taes condições, que se tem dito, que o governo sardo tenciona mudar de Genova para Spezzia os arsenaes de marinha, tornando este ultimo porto o primeiro da sua marinha de guerra. A apparencia do porto, sem prejuizo de estudados argumentos, defende a mudança, e ainda mais pelo acanhamento de Genova.

Pela terceira vez chegados a Genova, tendo visto uma mui grande parte da bella ribeira d'este nome, tão pittoresca e arborizada com oliveiras, tornamos a Turim d'onde regressamos a Genova, seguindo viagem pelo outro lado da ribeira para Nizza; fizemos por terra toda esta parte da nossa jornada, subindo os Alpes maritimos em um dia de janeiro tão lindo como os nossos formosos dias de inverno. Descendo os Alpes na sua extrema com o Mediterraneo, depois de termos visto uma parte do principado de Monaco, entramos em Nizza, que é por-

to franco, e atravessamos o Vár para entrar em França.

Se fosse mais detalhada a noticia da nossa viagem teriamos de fallar d'esta ultima cidade, e de mil episodios do nosso roteiro; v. gr. d'aquelle frade que tomamos por companheiro de jornada, e que vestido com habitos de penitencia inculcava as virtudes da pessoa, e augmentava a esperanza da viagem. Fallariamos tambem d'aquella proveitosa conferencia que houvemos em Nizza com um proprietario de oliveas, e com um negociante de azeite sobre a cultura d'aquelles, e sobre o processo para obter das azeitonas o melhor azeite. E não esqueceria a descripção d'aquella historica taberna, onde tinha estado Napoleão, quando no dia primeiro de março de 1815, desembarcou, vindo da ilha d'Elba, no golfo Juan, para começar o *governo dos cem dias*, e que demorando a pouca distancia da fronteira presta seu auxilio aos viandantes.

Deixemos pois estas e outras cousas, se é que estes *Apontamentos* para mais servem, do que para entreter horas menos afanosas; e vamos sempre em busca de alguma coisa que desculpe com mais clara prova o emprego do tempo.

Para conhecer bem um povo é necessario privar com elle, ouvir as suas conversações domesticas, e apagar com o proprio pé as suas pegadas, aliás a distancia entrará como desconto a deduzir no juizo pronunciado a respeito do seu caracter e das suas intenções.

Assim é necessario ir á Italia para fazer um verdadeiro conceito sobre o pensamento *da união italiana*.

Vêda-nos a natureza do jornal, onde publicamos estes *Apontamentos*, o irmos por diante n'esta questão; porém, nem com tanto rigor, que se nos recuse o logar para perguntarmos, como, tendo tanta força na Italia o espirito municipal, e alentando-se de continuo esse espirito com a historia particular de cada uma das tantas cidades celebres d'aquella peninsula, será possivel unil-a toda sob um só governo?!

O espirito municipal na Italia apalpa-se nas occasiões mais communs, e ouve-se e se conhece pela multiplicidade dos dialectos, que ainda não foram esquecidos, apezar da aproximação dos italianos, produzida pelas bellas estradas e pelo vapor.

Será mais possivel á Italia a confederação? A Europa apresenta-lhe varios exemplos, e nós em todo o caso lhe desejamos a paz, que é bem do céu.

Gostosos presenciámos nós o espirito religioso da Italia, a piedade do seu povo. De sobre aviso, e menos preparado estaria qualquer que prevenido com os acontecimentos recentemente occorridos antes da nossa viagem, não tivesse a critica necessaria para avaliar bem como, n'uma occasião de desordem, o menor numero acarreta o desfavor sobre um maior numero de innocentes! Não podemos desenvolver-nos mais n'este ponto.

Assim como não é possivel extirpar d'uma arrancada a religiosidade d'um povo, e apagar d'um sópro a sua piedade; assim tambem a não ser por força extraordinaria, não surgem de repente aquelles monumentos, que costumam attestar a crença dos nossos maiores. Esses monumentos, que por sua grandeza fazem elevar o homem em si mesmo, impellindo-o para as considerações da eternidade, tem sido de ordinario começados n'uma geração, mas continuados e concluidos n'outras, testemunhando aos presentes a religiosidade dos passados, e convidando a ella os futuros.

Amiudam-se na Italia os monumentos que exprimem os sentimentos religiosos do seu povo. Apre-

senta-se ella, por taes edificações, como penetrada do sentimento religioso; e cresce o convencimento, quando se tem alcançado alguma noticia de suas instituições pias e de caridade.

Tendo estado em tantas povoações da Italia, fomos encontrando um povo piedoso, e orando com elle no templo, pudemos vêr que se congregava com devoção na casa de Deus. E se isto não equivale a dizer que muitos italianos se não tenham desmandado, ao menos serve para ajudar áquelle juizo geral, a que se chega por o estudo feito sobre qualquer povo.

O templo é o lugar onde se toma mui exactamente a medida á piedade do povo, porque ahí, desde a edificação d'elle até á oração em particular ou em commum, faz publica a idéa e o respeito, que tem á Divindade.

Se entrardes na cidade e virdes a igreja alevantada, e se, ultrapassando as portas, encontrardes o povo em oração e cheio do respeito do lugar, sem que mesmo o queiraes, sentireis, que esse povo *crê*. Porém, se virdes o templo derrocado, as portas da igreja feitas pedaços, e o povo sem o laço da oração commum, então exclamareis, como o fazia o bispo de Colombia a respeito de um templo de Pekin: *Tu Sion lugent; porta ejus destructa, et ipsa oppressa amaritudine* (1).

Vimos que o povo corria á igreja, fóra das occasiões, em que o fazia por força de especial preceito. E tanto mais observamos isto, quanto o povo das diferentes cidades se aproveitava da indulgencia que o santo padre tinha concedido para supprir o jubileu, que se devia ter ganho no anno anterior, senão foram os acontecimentos extraordinarios. O clero trabalhava para que o povo lograsse tão grande bem espiritual.

Um dos poucos monumentos que se erguem nas praças de Turim, é uma columna sobre a qual é adorada a Virgem Mãe, que ali collocou em imagem a povoação d'aquella capital em cumprimento de um voto, pois que pela intercessão da Senhora não foi a cidade flagellada pela *cholera-morbus*, quando pela primeira vez atacou com tanto impeto a Europa.

E cousa frequente na Italia o vêr nas lojas ou casas de commercio alguma imagem religiosa, collocada em logar ostensivo, mostrando-se assim como a tutellar da casa e negocio.

Na cidade de Napoles ha bairros, onde se guarda semanalmente a abstinencia de carne, além dos dias em que é prohibido o uso pela Igreja.

E serão estranhos a certas praticas religiosas os exercitos italianos? Não nos esqueceremos que em uma das vezes, que chegamos a Genova, nas proximidades do Natal, vimos que a guarnição militar da cidade em forma acudiu ao templo para assistir á *novena*, com que a devoção antecede tão grande festa. Não deixaremos de applaudir o bom exemplo dado pelo duque de Genova, irmão do rei Victor Manuel, indo a pé á frente do corpo d'artilharia, que commanda, assistir á missa nos dias santificados; e menos admira isto uma vez que este príncipe pertence a uma familia real, a quem está confiada a guarda d'aquelle *sulario*, cuja tradição tão respeitavel o faz ter como o proprio, em que foi en-

volto o Redemptor. E se o chefe d'esta familia se acha envolvido em questões religiosas, console-nos a lembrança da sua docilidade bem recente ante o pae commum dos fieis em negocio de alta ponderação, e de interesse religioso.

Importa-nos ainda fallar de outros testemunhos de religião, dados por outro exercito; que tanto toca o coração o vêr os depositarios da força humana reconhecer a sua fraqueza ante o Senhor da força divina.

Quando chegamos a Napoles corria o exercito aos templos para ganhar aquella indulgencia, de que já fallamos n'este artigo. E a poucos dias da nossa chegada veio a festa da *Conceição*, que em Napoles é passada com grande e. digamos assim, nacional devoção.

Cumpram todos os annos um voto a corôa de Napoles, indo no dia da *Conceição* (8 de dezembro) ouvir uma missa no campo. Chegou esse dia no anno de 1850 e o voto foi cumprido.

Reuniu-se a tropa no campo chamado de Marte, e levantado o altar do verdadeiro Deus dos exercitos, se celebrou a missa a que assistiu o rei, a familia real, e treze brigadas de tropa em grande uniforme, e em numero que não baixaria de trinta mil homens. A tropa desfilou depois por diante do rei: vimos passar, tambem de perto, essa brilhante parte do exercito napolitano, que comprehendendo o da ilha Sicilia, não terá menos de noventa mil homens.

Não querendo esquecer aquelles exercicios religiosos, que tanto a miudo são feitos pelo povo na pequena igreja dos Bergamastros, em Roma, e no templo da Consolata em Turim; diremos: que se quizessemos fazer conhecer mais cabalmente o espirito religioso da peninsula italiana, teriamos de fallar, por tempo mais detido, dos templos, hospitaes, asylos, casas de educação, e de tantas instituições de soccorro á humanidade, e filhas da caridade. O que publicamos são *apontamentos*, que não apontam tudo, e que deixarão ainda muito por dizer, quando se lhes puzer o ponto.

No seguinte artigo daremos alguma noticia de Roma.

(Continúa.)

D. ANTONIO DE ALMEIDA.

ESTUDOS SOBRE OS DIFFERENTES MATHODOS DE ENSINO DE LER EM PORTUGAL.

II.

DUARTE NUNES DE LEÃO.

DUARTE Nunes era, como se prova do seu livro, um homem erudito, e não um philosopho; tinha mais memoria do que engenho e observação. Tinha lido os auctores latinos, que trataram mais largamente da philologia; tinha lido os livros de Messala, que escreveu um tratado sobre cada uma das vinte e duas letras do alphabeto romano, tinha versado com mão diurna os livros de Varrão, e tinha-se imbuído de respeito e quasi idolatria pelas cousas da antiguidade classica, o que era desculpavel n'um seculo como o 16.^o, avido de erudição; e tinha chegado a concluir que as letras do alphabeto latino deviam conservar-se em toda a sua pureza, não só em quanto á figura, senão tambem em quanto ao seu valor. Ardia alem d'isso no desejo immoderado de fazer erudição, vaidade que exaggerada mata a inspiração, acaba a intelligencia e reduz o escriptor a ser um in-

(1) Este templo era dedicado a Immaculada Conceição de Nossa Senhora, e pertencia aos portuguezes. Permitta Deus, que terminem as negociações pendentes entre a Santa Se e o governo portuguez, a respeito do padroado, e que de futuro se não apresentem provas de descuido.

dice monotono de textos e de citações estranhas. Duarte Nunes partia pois do principio de que a lingua latina era o modelo e a norma unica do fallar e do escrever portuguez; e uma vez assentada a sua theoria pouco lhe importava que os factos contra ella se rebellassem a cada passo.

Assim nós vemos o erudito desembargador emparelhar como tres letras affins e congeneres o *b*, o *p* e o *ph*, e estender-se em largas considerações sobre a differença radical do *ph* ou *f* grego e do *f* latino, sobre o digamma dos eolicos, sobre a letra inventada pelo imperador Claudio, e estabelecer como letra portugueza o *ph*, considerado como som differente do *f*. Infelizmente os factos vinham estorvar as idéas systematicas do chronista, e mais alguns paragraphos adiante Duarte Nunes tinha de confessar com grande constrangimento da sua alma, e com manifesta derrota da sua erudição, que o *f* e o *ph* eram de facto uma unica articulação, e que a pronuncia antiga se corrompêra e demudára a ponto de ser impossivel achal-a de novo.

Eis aqui as palavras em que elle deplora a sorte do *ph*, condemnado, apesar da sua nobreza e da sua magestade grega, a ficar confundido com esta plebeia letra *f* de som horrído.

«Mas é de notar que entre o *f* latino, e o *ph* grego havia muita differença na pronunciação, que agora não sentimos. Porque (como screue Quintiliano) o *ph* dos gregos tinha hum soido brando, e suave, e o *f* dos latinos horrído, que quasi não parecia de voz humana. Donde se pode colligir quam adulterada, e mudada sta a pronunciação de muitas letras, e quam delicada he a musica dellas.»

Sobre os valores do *g* nada fez Duarte Nunes se não dizer o que no seu tempo se usava e ainda hoje se segue. Mas é de notar o desdem com que elle falla do som do *g* antes do *e* e do *i*, dizendo que é som alheio dos gregos e latinos e só proprio dos mouros de quem o recebemos.

Duarte Nunes considera no *i* um só valor, e estranha a confusão que d'esta letra se fazia no seu tempo, usando-a indistinctamente como vogal e como consoante. Adduz como razão que nas palavras *janella*, *jejum*, etc. não sentimos na pronunciação alguma similhança do *i* consoante dos latinos.

Leão propõe que se distinguam em figura os dous *i*, consoante e vogal, e que n'aquelle tempo se designavam indistinctamente por uma letra unica, e accrescenta que se estivera em seu poder inventára uma figura particular para todas aquellas articulações que se escrevem erradamente com duas figuras, como *ç*, *ch*, *lh*, *nh*. Esta proposta, que estava nas idéas de João de Barros, prova até certo ponto que Leão consentia em transigir com a pronunciação, e desprezava a etymologia, todas as vezes que se tratava de representar sons que não tinham equivalentes em latim.

Reconhece Duarte Nunes que o *k* é letra ociosa, mas conserva-a no alphabeto portuguez, citando em seu apoio esta razão:

«E porque não façamos differença do nosso alphabeto ao latino, a deixamos na posse e logar, que tinha; e para que os nossos a não estranhem, quando vierem a aprender as letras latinas. Que quanto aa nossa lingua e scriptura portuguesa, he letra so-beja, e ociosa.»

Assim como Nunes assigna um valor unico ao *a* e outro ao *e*, contra a opinião de Barros, assim tambem combate a opinião dos que crêem distinguir no *o* dous valores differentes, um grande e um pequeno. E a razão que elle julga ter havido para se dar dous valores ao *o*, a exemplo dos gregos, nasceu, diz

Nunes, «de verem a differença da pronunciação d'esta letra que em uns logares a pronunciamos com grande hiato, e abertura da bôca, e em outros com muito menos, como se vee nesta palaura *ouo*, no singular, que na primeira syllaba parece, que pronunciamos com um pequeno *o*, e quando dizemos *ouos*, no plural, o pronunciamos de maneira, que parece um *o* grande. Polo que pera mostrar a differença do *o* que chamão grande, screvem muitos esta palaura no plural com dous *oo*, dizendo, *ooouos*, e assim *poouos*, e *oolhos*, e os mais d'esta qualidade.»

E facil de ver, avaliando bem as razões contidas n'este trecho, que a dialectica de Duarte Nunes nas questões philologicas não era mais elevada do que a sua crítica nos assumptos historicos. Duarte Nunes, fazendo uma ostentação ociosa dos seus conhecimentos na philologia romana, insistindo sobre a idéa dos accents, morta já e inexplicavel para o seu tempo, suppondo que a lingua portugueza herdára da prosodia latina as differenças de longas e breves nas syllabas, cae quasi sem o querer na affirmação do que pretende confutar, e reconhece em despeito de todas as distincções e subtilezas que o *o* se pronuncia realmente, ao menos, de duas maneiras totalmente diversas.

(Continúa.)

J. M. LATINO COELHO.

NOTA ESTATISTICA DO GADO EXISTENTE EM FRANÇA E PORTUGAL.

França (em 1839).

Gado vaccum — cabeças	9.936:538
„ lanigero „	32.151:430
„ suino „	4.910:721
„ cavallar „	2.818:496
„ muar „	373:841
„ asinino „	413:419
„ caprino „	946:300
	<hr/>
	51.550:745
	<hr/>

Portugal (em 1851).

Gado vaccum — cabeças	618:289
„ lanigero „	2.787:827
„ suino „	993:266
„ cavallar „	69:919
„ muar „	40:545
„ asinino „	126:623
„ caprino „	1.146:243
	<hr/>
	5.782:712
	<hr/>

Convem advertir que a população da França era, em 1846, de 35.400:486 almas, e a de Portugal (em 1851) de 3.814:771 almas, isto é, pouco mais de um decimo.

— A boa fama que deixámos no mundo, dobra de alguma maneira a nossa existencia. Quem d'ella nos priva, commette um rigoroso furto, e pratica a maior das infamias.

BASTOS — MEDITAÇÕES.